

ANEXO A

(Perguntas Abertas – Relatos Pessoais)

P: Conte sua experiência, onde você estudou?

A: Bom, eu eu comecei a estudar acho que quando eu tinha uns 10 ou 11 anos no A. Comecei no curso de “kids” deles fiz o curso completo até o curso de professores. Aí eu me formei por lá e comecei e me chamaram para trabalhar lá A, aí comecei trabalhar lá aí eu fiz o último ano da B o preparatório para o CPE e depois comecei a dar aula em outros cursos né .

P: Trabalhou por quanto tempo no A?

A: Ah trabalhei por bastante tempo. Eu trabalhei lá uns dez anos . Fiz um ano CPE da B de Madureira. Nisso eu já estava fazendo Faculdade comecei a fazer Turismo e depois eu mudei para Letras

P: Engraçada esta sua história eu não conhecia não.

A: Eu fazia Turismo aí por influência dos professores de eletiva que eram Luis Paulo, Sônia Zygmmer aí eu mudei, mudei para Letras aí continuei na minha faculdade com certeza é um diploma que pesa mais ... eu não vi tanta diferença também no final das contas ... aí eu fiz ... depois eu comecei a dar aula no A e no E ali no Méier e fazia a faculdade. Trabalhava noite, sábado e estudava durante o dia aí depois eu fiz um curso de especialização na UERJ, de pós-graduação em língua inglesa em 85. E em 86 eu entrei para B ... e na B fiz um monte curso de *Self-development*. Eles sempre arrumavam um curso para a gente .. aí fiquei na B de 86 até dezembro de 97, onze anos lá. Lá eu tive a oportunidade de fazer dois cursos na Inglaterra pela B, um em 90 e outro em 95. Depois que saí da B eu dei aula no A

P: Você voltou para o A?

A: A não desculpa, D. Parece... com o D que também trabalha teoricamente com a abordagem comunicativa. É e.. aí foi quando eu entrei para o C. Foi minha primeira experiência em Colégio?

P: Com relação a aprendizagem da Língua. Qual foi a mais consistente?

Qual a que você considera o local onde você aprendeu a língua?

A: No A, com certeza. A minha ((formação) é do A. Eu comecei como criança e saí de lá formada , dando aula ... minha base é do A. Agora eu fui lapidando com outros cursos de aperfeiçoamento, desenvolvimento, mas a minha base foi de lá. Eu aprendi com o método oposto daquele com o que eu trabalho. E eu não tive, assim no início, geralmente as pessoas que dão aula no audiolingual, que é behaviourista, têm muita dificuldade em trabalhar com outro método. Você sabe o que vem depois, o que vem antes. É uma coisa bem aberta. Você bola tudo e a minha *practice* dependia muito de mim E eu achei que .. quando eu saí eu achei maravilhoso porque eu estava de saco cheio, estava cansada daquela rotina do A. Talvez porque eu tenha estudado lá por 7 ou 8 anos e trabalhei lá uns dez ou onze, eu não agüentava mais

P: O que mais te chamou atenção em termos de ensino, no caso do A que foi a sua base?

A: O A tem muita gente que faz crítica mas eu acho que o aluno se dedica ele acaba aprendendo porque tem muita repetição, e ele dá muito vocabulário para o aluno, vocabulário específico até () Mas eu acho que o método dele depende do aluno. Tem aluno que vai ficar limitado ao método dele, não vai conseguir criar em cima. E tem outros que não conseguem sair do que foi preestabelecido e se comunicar, desenvolver. Eu achei que nesse ponto foi bom. É bem estruturado então, você tem a lição, você tem o vocabulário você é testado em cima do vocabulário. Se você estudar a lição você faz a prova. Já assim na B, às vezes você pensa assim eu vou estudar o que, eu não sei o que professor está falando, não está dando nada. Porque essa abordagem comunicativa às vezes dá essa sensação ao aluno. O aluno fica perdido, ele não sabe dizer exatamente qual o ponto gramatical que ele aprendeu, o que ele vai estudar. No A, eu sei que naquela lição o objetivo é aprender é sei lá o Present Continuous com o advérbio de não sei o que, ou o Present Simple com isso, ou ações, expressões, *phrasal verbs*, aquilo vai ser dado em situações, eles trabalham com situações, dentro daquela lição, então você vai para o *workbook* e aquilo é trabalhado exaustivamente. Então, é bem delineado. Eu me identifiquei, de repente eu sou um tipo de aluno que aprendi bem ali.

P: Você lembra de algum professor que você tenha gostado, que tenha marcado?

A: Vários, eu tive professores muito bons no A. Engraçado que eu esqueci o nome dela. Eu gostava porque era o tipo de professora que incentivava, sempre colocava bilhetinhos nas composições, elogiava, entendeu? E era agradável a aula dela, ela fez até medicina.

P: Era agradável por quê?

A: Era bem dinâmica, aquela aula do A que você sempre sabe o que vai acontecer, e isto às vezes enche né? Mas ela sempre dava assim uns exemplos interessantes, procurava trazer a aula para a realidade da gente, né então, era divertida, contava uma piadinha ou outra, então eu gostava. Tinha ela e tinha também .. eu tive professores estrangeiros bons. Eu tive o Steve que eu gostava muito.

P: Por que você gostava dele?

A: Primeiro porque ele era bonitinho, era loirinho. ((risos)) Segundo porque eu tinha aquela chance de praticar com estrangeiro. A aula dele fugia muito assim da sistemática, então você aprendia de tudo. Até a jogar pôquer eu aprendi na aula dele () já estava assim no avançado então é um estágio que você aproveita mais um professor .. assim .. você já está com a base e tira as dúvidas de vocabulário e de expressões

P: Você se lembra de algum que você não tenha gostado?

A: Não, não.

P: Qual foi a experiência mais marcante positiva ou negativamente na sua história de ensino/aprendizagem como aluna?

A: Negativamente, acho que eu não tive nada não. Não me lembro de nada que tenha me traumatizado não. Positivamente, eu acho que talvez no meu tempo de aluno , o aluno tinha que apresentar nos níveis mais altos, tinham que apresentar um *speech* e eu fiz um em que fui bem sucedida, o professor elogiou bastante, não sei talvez seria um ponto positivo.

P: Quais foram as instituições em que você mais gostou de trabalhar?

A: Eu gostei de trabalhar no A. Gostei porque eu era cria da casa. Todo aluno de A gosta de trabalhar lá, principalmente no início né e eles são bem organizados.

P: Qual a que você mais gostou?

A: Eu gostei muito de trabalhar na B porque de todos eles é o que me permitiu um maior desenvolvimento profissional. E eu gostei porque a aula dependia muito de mim, me ajudou muito, na parte de eu ser criativa, pegar uma lição trabalhar a lição assim de cabo a rabo porque no A não . Eu só sabia fazer aquilo ali eu me sentia tolida. Logo que eu entrei na B eu achei um paraíso, né. Depois eu também achei cansativo porque é o tipo de aula que cansava né?

P: Porque você tem que trabalhar muito, né?

A: Muito e consome muito tempo. Você tem que bolar, às vezes para você fazer um (game) você leva um tempão para cortar papelzinho, fazer não sei o que. Então depois de um certo tempo você acaba ficando meio... Mas eu acho que foi a B.

P: Qual foi a instituição em que você menos gostou de trabalhar?

A: Olha eu não gostei de trabalhar no D. No F eu também não me adaptei porque tinha muita tradução, sei lá eu fiquei pouco tempo. E o D eu não gosto muito de trabalhar lá .. o problema do D eu acho que é o material que eles usam. Não gosto do material deles porque muitas vezes é uma cópia de outro mal feita. E o livro geralmente não está no nível do aluno e também a falta de recurso do próprio curso. Eu saí de um curso em que eu entrava na sala e a sala já estava equipada. Eu tinha o som, eu tinha T.V. eu tinha o vídeo cassete, então podia planejar a minha aula da forma que eu quisesse, se eu quisesse usar o vídeo nos 5 minutos iniciais da aula eu usava ou nos últimos 5 minutos. No D, isto é difícil é complicado você tem que buscar televisão na outra sala, leva tanto tempo que levava você a desistir.

P: Quais foram suas experiências positivas e negativas como professora?

A: Uma coisa que eu achei que foi muito boa, foi quando eu fui apresentar um trabalho em Buenos Aires, um projeto que havia desenvolvido com os meus alunos na B. Os alunos tinham que apresentar um projeto. E eles odiavam isso. Era uma tortura para o

aluno, mas fazia parte da avaliação deles, era uma nota , né. E geralmente eles liam, faziam tudo muito assim à vontade e sempre os mesmos tópicos aí eu desenvolvi um trabalho em cima de lendas Escalibu, Rei Arthur, coisas que realmente interessavam a eles, porque na época foi lançado o filme do Robin Hood, com o () Kevin Costner e nós trabalhamos com dois livros de lendas e com o Escalibu. Nós apresentamos no () e foi muito bem recebido, foi muito legal, foi muito bem recebido.

Negativo? eu não lembro de ter tido assim nenhum problema. Às vezes você tem um problema assim com um aluno que não se adaptou a você ou que não gosta. Uma vez eu tive um problema com uma aluna que até eu fiquei assim porque ela teve um problema, ela faltou um teste, eu nem lembro direito qual foi a razão, aí ela foi reclamar porque ela achou que eu fui injusta por não ter dado uma segunda chance, mas eu não estava nem sabendo do problema dela direito, foi uma falha de comunicação, mas como eu acho que de repente ela não se identificava comigo aí ela passou... aí eu acho que ficou uma relação meio chata.

ANEXO B

(Perguntas fechadas)

P: Que premissas você acredita serem importantes para o ensino de inglês como LE?

A: Acho que primeiro deve Ter ... acho que o interesse mútuo. O aluno tem que estar a fim de aprender ... eu acho no momento em que o aluno não estiver interessado em aprender, se ele for só por ir isso já é uma grande dificuldade de se transpor. Então no momento que você tem um aluno interessado, cujo objetivo seja aprender fica mais fácil, que aí você pode fazer o que você quiser com aquela turma. Você não precisa ter que nem se preocupar em motivá-los muito porque eles já estão motivados por si só, porque eles querem aprender. Se isso não acontece aí você tem todo tipo de problema possível. Aí eu acho que tem que ter o prazer. A vontade de aprender e o profissional vai sentir prazer em ensinar aí ele vai dar sempre o melhor dele para levar o aluno a atingir o objetivo dele e aí isso pode ser feito de várias formas possíveis, então ele vai adaptar a aula à realidade da turma, do aluno sempre procurando variar as atividades. Vai ter aula que vai ser mais dinâmica vai ter aula que vai ser mais chata, vai ter aula que você vai ter explicar a gramática, eu não acredito que ninguém aprende uma língua sem a base eu não acredito nisso. Eu acho que você tem que aprender a estrutura do idioma e dali construir. Esse negócio de só aprender assim .. eu acho que tem hora que você pode até partir do geral para o específico ou do específico para o geral, mas você vai ter que chegar e estruturar. Não sei se é isso a é minha herança do A que é em cima de estrutura eu acredito nisso, eu acredito que tem uma parte do aprendizado que é em cima de estrutura que tem repetição e que () não é só isso.

P: Quantos por cento?

A: Eu acho que depende do nível eu acho que quanto mais iniciante o percentual é maior. Conforme ele vai avançando aí você vai diminuindo. Ele já está com a base formada aí você já começa a trabalhar com a parte realmente de comunicar de forma diferente. Mas o iniciozinho é estrutural, é uma repetição. Pode ser uma repetição forma comunicativa, mas é.

P: Para esta turma que você está trabalhando atualmente. Qual o percentual de gramática?

A: Eu acho que é importante, tem hora que você tem que parar e ensinar. Uns 30% no nível em que eles estão. Varia de turma para turma. Tem turma que merece um pouco.

P: para você, o que é aprender uma língua?

A: Eu acho que você aprender uma língua no mundo globalizado em que vivemos principalmente no inglês, que é a língua que se usa para se comunicar no mundo inteiro, é abrir novos horizontes. Você se tornar um cidadão globalizado, um cidadão que pode ter acesso à internet, se comunicar com o outro lado do mundo vai te permitir na sua profissão, seja lá qual for, porque a maioria dos livros é escrito em inglês, então você tem que dominar ... então eu acho que abre muitas portas.

P: Que caminhos levam para aprender uma língua?

A: Eu acho que é uma longa jornada. Eu acho que existem estratégias. Cada aluno ... às vezes não tem consciência de que como ele aprende. Então ele tem que descobrir qual é a sua estratégia, se ele tem a necessidade de visualizar a estrutura nova, ver com é que escreve, se isso não interfere na produção oral dele. Tem aluno que às vezes escuta tudo, não anota nada, e absorve tudo, globaliza tudo. Você fica até bobo né, não tá prestando atenção, só está escutando, não anota nada, não faz nada. O livro dele está em branco, parece um livro novo, você pode vender no final do ano, e aquele aluno às vezes te surpreende porque ele é um tipo de *learner*, agora eu tenho outro que anota tudo, faz cópia de lição...

P: Para você, quais são os caminhos para aprender?

A: Eu acho que tem que se dedicar. Eu acho que o aluno tem que separar um tempinho para o idioma que ele vai aprender, seja ele qual for, então se ele, não é só assistir as aulas, tem que assistir as aulas, prestar atenção, tirar o maior proveito possível. Se ele der uma revisada, fazer um apanhado de vocabulário, um resumo, fazer os exercícios para consolidar. Eu acho que é um bom caminho, o aluno que faz isso ele aproveita mais, ele tira as dúvidas, talvez ele vai para casa se ele não faz o exercício de consolidação como é que ele vai saber se ele realmente entendeu. Às vezes você pensa que você entendeu e na hora que você vai usar e comete uma porção de erros, não é que eu seja contra o erro, mas aí () por que não ficou claro para mim, por que não ficou claro, eu acho que isso é uma boa estratégia.

Legenda

P: pesquisadora

A: professora